



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E JOVENS MULHERES VULNERÁVEIS: DISCRIMINAÇÃO OU SUPERAÇÃO?

Glória Cristina Pereira Gomides Gomes¹
Raquel Quirino²

RESUMO

Este artigo contribui com as discussões acerca do debate de “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama”, tema do Simpósio Temático do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero e apresenta um levantamento bibliográfico de alguns resultados das pesquisas empíricas de trabalhos acadêmicos no que tange a Educação Profissional e Tecnológica e a Divisão Sexual do Trabalho com enfoque na categoria sociológica juventudes. Os relatos de jovens discentes do sexo feminino evidenciam uma discriminação de gênero na academia, no que se refere em: vencer o preconceito por optarem por Cursos das “Ciências Duras” considerado um reduto masculino; pela naturalização de que as mulheres não são capazes de realizarem cálculos matemáticos; reproduzindo as falácias de que existem cursos de homens e cursos de mulheres, dentre outras formas. Destarte, ressalta-se que além das jovens alunas serem oriundas da classe trabalhadora, nas quais as oportunidades de materialização dos projetos de vida e da condição juvenil são mais escassas, não raras vezes, ao ingressarem em cursos hegemonicamente masculinos precisam “transgredir” o *status quo* ou se “autoviolar” para permanecerem estudando. Este trabalho apresenta uma pesquisa analítica dos principais relatos de jovens mulheres que contrariam e resistem barreiras de discriminação e preconceito, à luz da teoria da Sociologia do Trabalho Francesa, com base marxista e, de autores e documentos que dialogam com as juventudes. Assim, espera-se que as discussões sobre a prática de reprodução de discriminação de gênero na formação profissional e tecnológica possam proporcionar maior visibilidade e maior resistência no enfrentamento por parte das vítimas.

Palavras-chave: Jovens, Discriminação, Educação Profissional, Educação Tecnológica.

INTRODUÇÃO

Apesar das mulheres ocuparem cada vez mais espaços na sociedade ao longo da história, o campo das Ciências e Tecnologia ainda é um reduto majoritariamente masculino, marcado por segregação e discriminações de gênero. Segundo Beauvoir (2016) os dois sexos nunca partilharam os mesmos direitos e a subordinação da mulher em relação ao homem é reiterada nas relações de poder.

Nesse sentido, este artigo apresenta uma análise crítica à luz da teoria marxista, a partir da interseção das discussões e principais relatos de jovens estudantes do Centro Federal de

¹ Mestranda pelo Curso de Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - MG, gcgomes25@yahoo.com.br;

² Doutora pelo Curso de Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - MG, quirinoraquel@hotmail.com.





Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG) constantes nas pesquisas empíricas realizadas por Gonçalves (2019), Lopes (2016) e Rezende (2018).

Os trabalhos corroboram com a afirmativa de que as jovens discentes evidenciam a existência de uma discriminação de gênero na academia, tanto por parte dos jovens colegas quanto dos professores do sexo masculino e precisam criar mecanismos de resistência para enfrentamento desses preconceitos. Para continuar estudando num ambiente hegemonicamente masculino, precisam “transgredir” o *status quo* ou se “autoviolentar”, conforme conclusões de Gonçalves (2019). Desse modo, é importante “compreender os lugares diferenciados e desiguais que as mulheres ocupam em diversas áreas da vida social” (PISCITELLI, 2009, p. 122), sobretudo na Educação Profissional e Tecnológica, e trazer à tona as práticas sociais que se (re)produzem para perpetuação da invisibilidade e exclusão feminina nas ciências.

METODOLOGIA

A partir de uma abordagem qualitativa, a metodologia utilizada baseia-se numa pesquisa exploratória e descritiva acerca do levantamento bibliográfico das autoras Gonçalves (2019), Lopes (2016) e Rezende (2018), evidenciando-se os trechos de narrativas das entrevistas semiestruturadas das pesquisas empíricas realizadas com jovens alunas do CEFET-MG acerca das influências da Divisão Sexual do Trabalho na Educação Profissional e Tecnológica.

Por meio de análise crítica dialética, correlaciona-se os principais relatos com a teoria marxista embasada na Sociologia do Trabalho Francesa, enfatizando-se as interseções das categorias discriminatórias gênero, classe e geração, que segundo a analogia de Crenshaw (2002), criam desigualdades básicas e geram opressão.

Assim, este artigo é desenvolvido apresentando-se, num primeiro momento, o perfil das jovens discentes e algumas introduções acerca das juventudes e da divisão sexual do trabalho. Posteriormente, apresenta-se as narrativas destas, tecendo-se com as análises de discurso, decorrentes das práticas sociais que constituem os sujeitos. Por fim, as considerações finais são abordadas a partir das principais discussões enunciadas no presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao traçar o perfil das participantes das pesquisas, infere-se que: (i) a maioria das jovens mulheres são mantidas econômica e financeiramente pelos seus genitores ou responsáveis; (ii)





a família na qual pertencem são de classes sociais menos abastadas e (iii) projetam seus futuros na tentativa de romper com o estereótipo de gênero.

As 11 participantes da pesquisa de Lopes (2016) têm idade compreendida entre 16 e 18 anos, sendo 07 estudantes do Curso Técnico de Hospedagem e 04 do Curso Técnico de Mecânica do CEFET-MG, nas quais 09 alunas são oriundas de escola pública e 02 de escola particular. Desse total, 08 delas residem com os pais e 03 com um dos genitores (pai ou mãe). Segundo Lopes (2016), os genitores ou responsáveis pelas jovens, em sua maioria, são assalariados e têm escolaridade de nível médio.

As 05 jovens participantes da pesquisa de Gonçalves (2019) têm idade entre 20 e 23 anos e são estudantes do Curso de Engenharia Mecânica do CEFET-MG Campus Belo Horizonte. Todas residem com a família e apenas 02 delas têm parente com formação em engenharia.

Rezende (2018) entrevistou 05 jovens alunas cujas idades concentravam-se entre 20 e 22 anos, estudantes do Curso Engenharia de Computação no CEFET-MG. Destas, a maioria não faz estágio nem trabalha, exceto 01 delas que estagia e trabalha na área de desenvolvimento de *software*.

Nessa perspectiva, a construção e a materialidade das relações sociais de cada jovem perpassam pela questão de classe e pelas subjetividades juvenis nas quais pertencem: estudo, trabalho e as práticas, segundo Jeloás, Paulilo e Capelo (2013). As categorias raça, gênero e classe compõem as múltiplas diversidades juvenis evidenciando o enfrentamento de diferenças e desigualdades.

Nas relações sociais permeiam as concepções de naturalização de atribuições de homens e mulheres como “papel feminino” e “papel masculino” (PISCITELLI, 2009, p. 128), na qual a divisão social do trabalho é enfatizada sob uma perspectiva da divisão sexual do trabalho. Há uma disputa antagônica nestas relações sociais acerca da divisão do trabalho e uma relação de poder entre os sexos: “existem trabalhos de homens outros de mulheres” e “um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher” (KERGOAT, 2009, p. 67).

As narrativas das jovens são marcadas por um discurso que evidencia que a Ciência e Tecnologia é um reduto masculino com um número ainda pouco expressivo de mulheres, nas quais são julgadas como incompetentes pelos colegas ou pelos professores do sexo masculino para certos cursos ou matérias (neste caso também se inclui a Educação Profissional), simplesmente pelo fato de ser mulher. O campo científico é um lugar onde Bourdieu (1983, p. 136) define como “lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente



dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico”. As narrativas de LSPA citada por Rezende (2018), Anna Hospedagem citada por Lopes (2016) e E1 e C1 citadas por Gonçalves evidenciam a presença de um sexismo e de comentários de professores retratando tratamentos diferenciados entre jovens alunas e alunos.

Assim, com professor não tive problema. Assim, eu já notei que eu tive um professor no semestre passado que eu era a única menina da sala, mas ele...Eu notava que ele tratava de um jeito diferente, mas não assim do jeito que elas estão falando. Pelo menos no meu ponto de vista, eu acho que ele dava atenção especial pra questão de entender a matéria. Eu não sei se isso é bom ou se é ruim, mas eu notava isso dele só pra mim. E também tinha uma vez...Ele fazia pra todo mundo, mas comigo eu sentia que era mais, sabe? Dava maior do que pros outros. E também tinha uma matéria que a gente fazia em dupla, semestre passado e eu era a única menina também da sala e eu acabei fazendo com um menino. No início assim achava muito difícil fazer com ele, é a questão dele confiar em mim. E como ser uma boa dupla, sabe? Tanto é que quando tinha dúvida, ele tinha dúvida, eu tentava explicar, ele não me ouvia, ele ia em outra dupla pra ver se era isso mesmo sabe? Então isso me deixava bastante chateada (LSPA) (REZENDE, 2018, p. 92).

Muito sexismo, a gente tem muito isso. Esse ano aconteceu várias vezes de professores desvalorizarem o curso, que é curso de mulher, que se você é mulher, tem que fazer hospedagem, tem gente que fala que hospedagem não deveria existir porque é curso de mulher. Que o CEFET é lugar para homem, não é escola para mulher, então tem bastante ainda. (Anna Hospedagem) (LOPES, 2016, p. 73).

Tinha um professor semestre passado que era muito...de térmica que eu peguei especial...ele era muito chato com organização. Mas ele nunca falou: nossa, mulheres são mais organizadas. Ele nunca falou assim não, teve uma prova que ele falou: ah, a prova dessa menina foi um exemplo. Mas não foi por ela ser mulher, foi porque a prova dela tá muito boa [...] (Fala da estudante E1) (GONÇALVES, 2019, p. 83).

(repetindo comentário de professor) “ah, a prova dessa menina daqui é mais organizada, mas menina é assim mesmo, vocês deviam fazer igual”. Mas assim, sabe, mas acho que é um negócio bem geral assim. Mas não tem nada “homem tem mais facilidade com essa matéria aqui” (Fala da estudante C1) (GONÇALVES, 2019, p. 83).

Em uma pesquisa realizada com professoras de Ensino Fundamental e Ensino Médio em 2013, Tortato (2015, p. 63) inferiu que normalmente professores e professoras valem-se de “concepções de masculino e feminino” nas relações sociais, influenciadas pelos “binarismos” e pela “biologia dos corpos”. Hirata (2003) corrobora com as narrativas de Anna Hospedagem citada por Lopes (2016) e de E1 e C1 citadas por Gonçalves (2019) enfatizando:

[...] à questão da tecnologia, da formação profissional e do trabalho [...] ainda hoje o paradigma dominante é assexuado, que pretende ser universal mas, na realidade,

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

traduz um ponto de vista fundamentalmente masculino. Tecnologia, trabalho e formação profissional devem ser vistos de forma a diferenciar masculino e feminino, ou seja, de forma a diferenciar o gênero, construído socialmente (HIRATA, 2003, p. 144).

Nesta perspectiva, as jovens discentes LSPA e LCNB citadas por Rezende (2018), também relatam insegurança em relação ao futuro no mercado de trabalho, consoante as relações de poder androcêntricas vivenciadas na atualidade na academia e que mantém as mulheres subsumidas nas relações produtivas.

Exatamente. Na minha matéria é igual ela, era teórica e prática. Na prática, a gente fazia junto ele custou a me ouvir, ele não queria me ouvir, aí ele custou me ouvir, custou a confiar em mim tipo eu falar as coisas e então ele falar então vamos fazer assim mesmo. Custou! Igual aconteceu com ela, eu passei na teórica e ele tomou pau. Então foi assim... muito sei lá! E me deixa insegura também em relação a mercado. Fico pensando: nossa, será que no mercado vai ser a mesma coisa? Tipo assim, vou ter que fazer a pessoa confiar em mim? Será que ela vai demorar igual o... (LSPA) (REZENDE, 2018, p. 93).

Primeiro do que ela tava eu acho que assim... fico pensando assim... por exemplo se eu tiver um colega meu de curso e a gente tiver mesma formação. Às vezes, a gente faz uma prova, faz igual a prova. Aí eu fico pensando na empresa. Ela vai escolher eu ou vai escolher ele? Então eu penso assim por questão, pode até ser que eu tenha saído melhor um pouco, aí fico pensando só porque ele é homem aí provavelmente eles vão escolher ele. Principalmente nessa área. (LCNB) (REZENDE, 2018, p. 94).

Souza-Lobo (2011) ressalta que as relações de trabalho estão imbricadas nas relações de gênero e é presente a ideia nas sociedades da naturalização da divisão sexual dos papéis. Nas narrativas das alunas E1 e MKCP, citadas por Gonçalves (2019) e Rezende (2018), respectivamente, o senso comum associa características físicas ou pessoais de homens e mulheres com papéis sociais nas relações de trabalho.

Eu acho que algumas coisas não têm como mulher trabalhar, exemplo, sei lá, descarregar carro, mudança. Mulher não vai ter força pra isso. É biológico, entendeu? É... se existir uma mulher forte pra isso, que bom, eu fico muito feliz porque eu queria ter essa força rs mas assim, eu acho que é biológico, que algumas coisas não dá... quem dera que um dia possa, mas eu não vejo isso hoje (Fala da estudante E1) (GONÇALVES, 2019, p. 88).

Foi com uma amiga minha no técnico, aí ela foi tentar uma vaga numa empresa aqui perto não vou falar não (risos). Mas... eles na hora da entrevista perguntaram pra ela que ela tinha uma voz fina, mais fina que a minha ainda. Perguntaram pra ela se, tipo, com essa voz, como que ela ia lidar com essa tanto de homem. Comandar esse tanto de homem. Como se, tipo assim, a voz dela fosse influenciar a competência dela, entendeu? ... Não, ela preferiu ficar calada. Não vou trabalhar aqui. Foi embora (MKCP) (REZENDE, 2018, p. 94).

Ainda nesta mesma perspectiva, Piscitelli (2009) ressalta que a atribuição de qualidades e características diferenciadas a homens e mulheres é uma forma de discriminação utilizada nas relações sociais como delimitação de papéis e de poder. Há uma reprodução de concepções equivocadas de que tais qualidades são inatas e determinantes para diferenciar tarefas femininas ou masculinas nas esferas produtivas e reprodutivas.

Consoante os relatos de E1 citada por Gonçalves (2019) as características de delicadeza são consideradas pelos docentes masculinos como algo inato as mulheres, ao mesmo tempo que utiliza tal qualidade como um tipo de “brincadeira”. Contudo, A1 citada por Gonçalves (2019) associa o trabalho de engenharia com características masculinas “fortes” como se as atribuições de um engenheiro não pudessem ser exercidas por mulheres que não tem a devida força física. Virgínia – Mecânica citada por Lopes (2016) se questiona se as outras jovens “delicadas” fisicamente também vão dar conta de se manter num curso que utiliza máquinas pesadas e se os jovens colegas teriam “paciência” ou estariam dispostos a ajudá-las.

Semestre passado, quando a gente tava fazendo eletrotécnica, tem que segurar os fiozinhos pra medir corrente, tensão, essas coisas, aí tem que segurar o fio e aí no resistor, quando você vai mudar a resistência, tem uma parte que ele chega no 99.5 e aí tem que dar 100 e aí tem que ser delicado. Aí o professor falava: vamos trocar, mais delicada e tal. É que igual, fazia eu e esse menino, né, aí ele falava: troca vocês dois e tal, vamos ver se com ela dá certo, umas brincadeiras assim. Na verdade ele brincava mais com o oposto, de chamar o menino de delicado em vez de, tipo assim, me colocar como delicada [...] Mas esse professor também era muito brincalhão, não me incomodava porque desde o primeiro dia de aula ele brincava muito com a gente. (Fala da estudante E1) (GONÇALVES, 2019, p. 84).

Eu sou muito de me impor, mas tem meninas que não. Então você vê que sofre uma discriminação. Eu penso: “será que ela vai dar conta do curso?” Eu mesma já me peguei pensando nisso. Tem uma menina na sala, ela é muito fofinha, delicada, não é só a aparência dela, ela fisicamente é, eu já me peguei pensando “será que ela vai conseguir?”, tem partes que são pesadas, eu tive problema, quando fui mexer numa máquina e não consegui, por causa de força, tive que pedir alguém pra me ajudar e fico pensando nela “será que vai conseguir?” “será, que vão ter a paciência que ela precisa?” “será que vão ensinar?” porque tem, ela vai precisar. A gente vai precisar de uns macetes, as máquinas não são leves (Virgínia - Mecânica) (LOPES, 2016, p. 83).

em questão de contratação, provavelmente nessa área da engenharia mecânica em que meu pai mexe, seria um pouco assim, de dificuldade de mulher exatamente por questão de esforço físico. É uma coisa que exige muito para o engenheiro porque construção, igual meu pai, de maquinaria igual obra lá na Bahia, no paraná, é uma área que você constrói a sua indústria, você leva as peças pra lá e pra cá, guindaste passa daqui, vai pra lá, ajuda a descarregar um monte de material. Precisa carregar peso e se der problema, por mais que tenha um monte de peão, se você é o chefe da sua obra, você que tem que ir lá e fazer. Se você não vai, você é um mal engenheiro (Fala da entrevistada A1) (GONÇALVES, 2019, p. 69).

A rotulação de jovens mulheres segundo critérios de beleza ou a preocupação com a aparência física são formas de discriminação evidenciadas por Casagrande e Souza (2015), apenas pelo fato de jovens mulheres estudantes terem escolhido determinados cursos.

Entretanto, Hirata (2003) discorda da naturalização desses papéis associados a uma incompetência feminina construída socialmente e enfatiza que “se o gênero pode ser definido como uma construção social, cultural e histórica do masculino e do feminino [...] também a incompetência técnica das mulheres é o resultado de uma construção social” (HIRATA, 2003, p. 148).

Destarte, infere-se nas narrativas de Helena – Curso de Hospedagem citada por Lopes (2016), que as jovens alunas da Educação Profissional consideram que há um certo preconceito no que se refere as (in)competências ou capacidades femininas para realizar cursos, ou cálculos matemáticos considerados como de habilidades masculinas, ou que tem cursos mais fáceis que outros. LCNB citada por Rezende (2018) discorre apreensivamente sobre suas expectativas quanto a ocorrência desse tipo de preconceito no mercado de trabalho. Quanto a opinião de E1 citada por Gonçalves (2019), o preconceito em relação ao gênero feminino tem diminuído na sociedade, no entanto, ressalta que em algumas profissões ainda ocorrem. Gonçalves (2019, p. 73) completa que E1 afirma que “não tem problema ser mulher “se tiver o potencial que os homens têm””.

A ciência não é só laboratório, não é colocar uma coisa dentro da outra. Existem ciências humanas, que é um tipo de ciência. E tem um preconceito das ciências humanas, e aí nosso curso está dentro disso. Dizem que as ciências humanas são mais fáceis. Mais fácil nada! Acham que é mais fácil porque está dentro do cotidiano, que é lidar com pessoas e é uma coisa mais próxima da realidade, mas na real, vocês não sabem não, tem que ter técnica dentro dos procedimentos, tem muita coisa. Ah, falam que hospedagem é você receber a pessoa, dar a chave pra ela no hotel e pronto. E não, tem um monte de processos, não é só dar a chave. Tem todo um tipo de preocupação que as pessoas não têm noção, sabe? E pode não ter calculo, mas o cálculo 1 que você faz hoje é o mesmo cálculo que o fulaninho vai estudar daqui a pouco. Pra gente complica, é o tempo todo, não tem rotina, muda o tempo todo. E as pessoas não valorizam isso porque acham que é muito fácil. Desde sempre essa é uma tendência de ridicularizar as coisas que são de humanas, porque faz as pessoas pensarem, faz as pessoas se darem bem e isso não é o que a galera quer, né? Querem gente produzindo, produzindo, produzindo. Ainda mais dentro da instituição, já que é o único curso que faz umas coisas assim, dá pra perceber como que quebra. (Helena – Curso de Hospedagem) (LOPES, 2016, p. 71).

Primeiro do que ela tava eu acho que assim... fico pensando assim... por exemplo se eu tiver um colega meu de curso e a gente tiver mesma formação. Às vezes, a gente faz uma prova, faz igual a prova. Ai eu fico pensando na empresa. Ela vai escolher eu ou vai escolher ele? Então eu penso assim por questão, pode até ser que eu tenha saído

melhor um pouco, aí fico pensando só porque ele é homem aí provavelmente eles vão escolher ele. Principalmente nessa área. (LCNB) (REZENDE, 2018, p. 94).

Então eu acho assim, que não deveria existir (área distinta por sexo) e eu acho que tá mudando cada vez mais, **cada vez mais tá se igualando, principalmente nesses cargos mais altos**, eu acho assim, né. Tipo assim, Engenheiro...eu acho que hoje em dia já não tem tanto preconceito de Engenheira mulher, mas igual assim... agora assim, igual, sei lá, caminhoneira...você não vê caminhoneira mulher, eu acho que isso seja um preconceito, sim, talvez seja por facilidade ou não quero, não sei, mas por que, sabe? Não tem um motivo... então eu acho que depende (Fala da entrevistada E1) (GONÇALVES, 2019, p.73).

Nesse contexto, Dayrell (2007) dispõe que a escola não reconhece a juventude com suas especificidades existentes no aluno e não compreende a diversidade de gênero. Entretanto, a Ciência e Tecnologia também não se adaptou ou ainda não se conscientizou para aceitar as singularidades dos indivíduos. A academia é reprodutora de desigualdades de gênero e perpetua as relações de poder.

Assim, nos relatos das jovens alunas, há uma forte presença de assédio, constrangimento e violência simbólica. Por meio da fala de Livia – Mecânica, Lopes (2016) enfatiza a presença de sexismo por parte dos professores que insinuam inadequação das mulheres para realizar o curso. B1 citada por Gonçalves (2019, p. 97) relata um episódio em que esta autora enfatiza a atitude do docente como “violenta simbolicamente” por restringir a jovem de uma “oportunidade profissional”. A fala de ALS citada por Rezende (2018) declara que professores fazem piadinhas, característica da violência simbólica de gênero, que ocorre de forma quase imperceptível e sutil que Bourdieu (2012) denomina como violência simbólica e que se materializa na forma de falar ou agir do/a dominador/a.

A gente estava na aula e o professor deu exemplo “Ah, desde o tempo de Adão”, alguma coisa assim, e a gente questionou “porque não Eva?” e ele falou, “Porque o mundo é machista” e a gente falou “Só porque o mundo é machista todo mundo tem que ser machista?” e aí ele começou a falar, falar e falar. Num outro evento, que foi semana passada, ele disse tipo “Porque o feminismo prejudicou muito mais as mulheres do que ajudou” e a gente ficou assim (expressão de espanto) “Porque hoje as mulheres, elas tem que dividir a conta, hoje as mulheres têm que abrir a própria porta.” Aí a gente falou assim: “eu prefiro abrir a minha própria porta e ter uma visibilidade do que o contrário, porque por mais que o mundo ainda seja machista, anos atrás eu era queimada por fazer uma reunião com mulheres e se hoje eu tenho que abrir a minha porta, eu prefiro abrir a porta do que ser queimada.” E não foi só isso, sabe? Foram outros eventos de machismo também e esses professores são antigos no CEFET. Então eu fico pensando, quantas vezes eles disseram isso? E tem aquela velha história, se você dá aula numa sala de homens, que só tem homens, é uma coisa, quando você dá aula pra meninas, o tratamento é diferente, então eu fico pensando, se a

gente estava lá, e eles disseram isso, imagina se a gente não estivesse, é realmente um circo de horrores, eu acho. (Lívia - Mecânica) (LOPES, 2016, p. 72).

[...] teve uma época que tava tendo bolsa de intercâmbio aqui no CEFET, e aí precisava de fazer uma carta de recomendação. Aí tinha uma lista que era tipo assim: estabilidade emocional, tinha que dar uma nota de 0 a 5. E como ele era coordenador do projeto e eu já convivia com ele há um tempo, pensei “ah, vou pedir ele pra fazer”. Aí foi eu e um amigo meu preencher esse mesmo papel com ele, aí ele virou e falou assim: ahh, preencheu o do menino lá. Estabilidade emocional: 5, por exemplo. Eu lembro desse quesito porque foi marcante. Aí no meu ele falou assim: **estabilidade emocional...ah não, tem que ser uns 3 né, mulher não tem estabilidade emocional.** Foi lá e colocou 3. Eu fiquei estabilizada, uns 5 minutos sem acreditar naquilo que eu tava vendo. Aí eu falei: meu Deus, não é possível, né. Esse foi um dos poucos momentos que eu vi assim realmente, né. Mas eu falei: **graças a Deus ele tem pouquíssima influência dentro do projeto,** né, porque se ele tivesse, nó, isso é péssimo, né. (Fala da estudante B1) (GONÇALVES, 2019, p. 97).

Ainda tem vários exemplos, tem professores até que eu gosto que já fizeram piadinha assim tipo. Tem o HUB que é um dispositivo de rede que ele manda quando alguém manda alguma coisa pra ele, ele manda pra todo mundo da rede. Ele falou é igual mulher, fala demais ... (ALS) (REZENDE, 2018, p. 92).

Destarte, cabe ressaltar a observação de Casagrande e Souza (2015) sobre a importância em se identificar e combater a violência simbólica no meio acadêmico para que esta deixe de ser sutil e aceita pelos/as dominados/as.

Lopes (2016, p. 73) evidencia a partir das falas das jovens dos cursos técnicos que há uma “manutenção do sexismo” por parte das jovens onde estas se veem obrigadas a externalizar as “características que socialmente são atribuídas ao gênero hegemônico”, o que para Gonçalves (2019, p. 89) é considerado como uma auto violência e que afeta “diretamente sua subjetividade e feminilidade”.

[...] violência que é sutil, discreta e invisível às próprias vítimas, que se configura como uma violência que a mulher infringe a si mesma na medida em que são naturalizadas ou negadas situações de incômodo ou de tratamento diferenciado por parte dos professores, e mudança de comportamento delas para se adaptarem a um curso majoritariamente masculino (GONÇALVES, 2019, p. 89).

As narrativas de Alice – Hospedagem e por Lívia – Mecânica citadas por Lopes (2016) retratam exatamente um tipo de auto violência conceituado por Gonçalves (2019). A fala da entrevistada A1 citada por Gonçalves (2019) também corrobora:

Na verdade tem muito isso, na cabeça deles, as meninas que fazem mecânica são meninas masculinizadas e as meninas que fazem hospedagem são meninas muito femininas, muito mesmo, tanto que no primeiro ano acharam que eu fazia mecânica, não que eu fazia hospedagem. Tipo assim, por mais que eu saiba lidar com pessoas, por mais que eu saiba lidar com eventos, eu não sou uma mulher que usa

saíinha e fica andando pelo CEFET, e eu sempre fui super grossa, e eles têm a ideia de que as meninas de hospedagem são sempre abertas a todas as pessoas e eu não sou aberta a qualquer idiota que vai me falar, olha aqui, querida, você não pode fazer isso. Tem muito isso, eles têm essa visão de que meninas de mecânica são homens (Alice - Hospedagem) (LOPES, 2016, p. 73-74).

O aluno do CEFET ele entra aqui, principalmente mecânica, eu vi muito isso, até em mim. A gente entra entra (**sic**) querendo seguir um estereótipo e eu acho que talvez a gente tente se encaixar nesse estereótipo. E no caso das meninas, espera-se que meninas de mecânica sejam mais masculinas, mais brutas, que elas tenham uma orientação sexual diferente das demais, que elas obrigatoriamente serão lésbicas, e daí que elas serão, sabe? (Lívia - Mecânica) (LOPES, 2016, p. 74).

No tratar de conversar, no tratar de tirar dúvidas, sim, mas em correção, não. Se uma pessoa me trata grossamente, eu fico muito puta, e todo mundo já me conhece, a visão que eu passo é de ser **curta e grossa**. Então quando eu pergunto alguma coisa, os professores me respondem numa boa. Mas se for uma menina muito tímida, que não sei o que, quando eu falo que trata diferente é que se fosse um menino ele falaria “ah, então tá”, mas se é uma menina ele fala “não, pode falar, eu sei que você tá com vergonha. (Fala da entrevistada A1) (GONÇALVES, 2019, p. 90).

Entretanto, Gonçalves (2019) infere que apesar das externalizações com estereótipos masculinos e de se auto violentar, as alunas não agem de forma ingênua, mas como forma de resistir e continuar estudando. Lopes (2016) também evidencia nas falas das alunas que estas escolheram seus cursos de forma consciente da existência das discriminações nos cursos e que discordam dessa divisão desigual de papéis.

Nesse sentido, infere-se que para Gonçalves (2019) essas atitudes das jovens discentes se referem a transgressão do *status quo* e para Lopes (2016) seria uma atitude de se rebelar, Resende (2019, p. 71), no entanto, considera como um “movimento de transgressão e empoderamento crítico quanto ao seu lugar de fala e espaço na sociedade [...]. O ato de transgredir o que está posto e determinado pelas construções sociais”.

Portanto pelas falas de Virgínia – Mecânica citada por Lopes (2016), de A1 citada por Gonçalves (2019) e por LCNB citada por Rezende (2018), as jovens alunas buscam alternativas de resistir ao que se está posto, transgredindo e empoderando-se.

Os professores eu falei que são muito bons, acho que tem um respeito muito grande, pelo menos no segundo ano. Com os meus colegas eu nunca tive problema nenhum, nunca tive problema com o fato de eu ser mulher no Curso Técnico em Mecânica, porque eu sempre me impus muito, tipo “olha, eu estou aqui, não tem como vocês me ignorarem”, daí nunca tive problema com isso, tanto que esse grupo de amigos estão comigo desde os primeiros dias de aula e eles entenderam que eu não seria 'a menininha'. Então a minha relação com professores e colegas nunca teve problema não. (Virgínia - Mecânica) (LOPES, 2016, p. 23).

Não, na Fórmula por exemplo, os meninos me tratam super bem e com equivalência. Nos cursos eu também sou tratada com equivalência e **muitos até sabem que eu sou melhor do que eles. É ruim a gente falar isso, mas a gente sabe quando a gente tem um nível de dedicação mais elevado que o outro.** [...] até os professores sabem que a gente é mais esforçada, que a gente tá **lá persistindo** e a gente sempre foi tratada até com mais respeito que os meninos. (Fala da entrevistada A1) (GONÇALVES, 2019, p. 75).

E a segunda que aconteceu bem chato, às vezes você tem que aguentar professor com piadinha, assim é muito difícil de acontecer, mas este semestre teve, professor com piadinha. Até porque eu tenho que aguentar. Até porque... por exemplo. Um exemplo tipo esse professor eu vou ter que aguentar ele um ano. Como é que eu vou estressar, vou brigar com ele, aí ele vai ficar sem clima total, vai ficar muito se eu estressar com ele. E as vezes os meninos não concordam. Porque é piadinha de cunho sexual. Entende? E professor acha que é bonitinho para os meninos. E os homens, eles não ligam pra isso. Eu não sei se elas também concordam mas eu não gosto deste tipo de coisa. Isso é uma dificuldade... eu... Até hoje aqui, aqui no CEFET, eu tive problema só com esse professor. Os outros foram super respeitosos assim... os que eu tive aula (LCNB) (REZENDE, 2018, p. 91-92).

Nesse mesmo entendimento, Bourdieu (1983b, p. 138) corrobora com as narrativas das jovens ao afirmar que no campo científico “os novatos que recusam as carreiras traçadas só poderão “vencer os dominantes em seu próprio jogo” se empenharem um suplemento de investimentos propriamente científicos [...] posto que eles tem contra si toda a lógica do sistema”.

Por fim, cabe ressaltar a importante influência da família tanto nas escolhas dos cursos das alunas quanto na cobrança da realização de tarefas domésticas, conforme evidencia Lopes (2016, p.78) que “as famílias das alunas não desejam ter as filhas em curso inferior ou socialmente malvisto” ou em profissões masculinizadas. “A mulher verdadeira é a dona-de-casa e a boa mãe, isto é, aquela que não compete com o homem, a que não se masculiniza” (MURARO, 2002, p. 172).

Lopes (2016) ainda enfatiza que apesar das jovens negarem influência das famílias nas escolhas, percebe-se uma “estratégia de resistência e a tentativa de reafirmação de sua identidade própria”. Infere-se, assim, pela fala de E1 citada por Gonçalves (2019), como a opinião de um ente familiar é importante para as escolhas nos projetos de futuro das jovens mulheres.

É...foi até assim uma coisa que eu fiquei muito chateada quando eu resolvi fazer engenharia mecânica, minha mãe falou assim comigo: não faz porque é curso de homem. Hoje ela já mudou a opinião dela porque ela viu o tanto que eu tô me dando bem, mas no começo ela mesmo teve um preconceito assim... não faça, você não vai conseguir emprego. Eu falei: mãe, não é assim. Ela: não faz, não faz. Aí ela mesmo foi procurar reportagem de mulher engenheira e tal e aí ela aceitou. Aceitou assim, ela não ia me impedir de fazer, né, só que o melhor pra ela pra mim, que na época ela

achava que era era (sic) não fazer esse curso (Fala da entrevistada E1) (GONÇALVES, 2019, p. 68).

Assim, pelos relatos das entrevistadas Carolina – Hospedagem, Virgínia – Mecânica e Lívia – Mecânica, ambas citadas por Lopes (2016), identificou-se que a família cobra a participação das jovens nos afazeres domésticos, o que as obriga a manter dupla jornada e como o cuidado é naturalizado à mulher.

Tenho que fazer, tenho que conciliar, é uma loucura, ainda mais que tenho uma irmã pequena. Faço as coisas que posso na minha casa no tempinho que tenho vago e daí tenho que vir pro CEFET. Só fazemos as tarefas de casa eu e minha avó. (Carolina - Hospedagem) (LOPES, 2016, p. 81).

O meu primo que mora com a gente não ajuda em nada e não é falta de pedir, pode pedir que ele não faz. Aí, pra evitar estresse mesmo, a gente só ignora. Porque se for ficar falando tudo que ele não faz, seria o dia todo falando. Mas aí, por exemplo, em dia de semana, pra ficar mais fácil, se eu sujei, eu lavo e deixo lá, aí se outra pessoa: Minha mãe ou minha prima usam, elas lavam o que elas sujaram pra ficar mais fácil, mas é a gente que limpa o que ele suja e arruma a bagunça dele (Virgínia - Mecânica)) (LOPES, 2016, p. 81).

Na minha casa eu chego tarde e daí, às vezes, eu fico triste porque teve um dia que eu tinha muita coisa mesmo para fazer, não ia dar tempo e eu ia ter que ficar a noite estudando e a minha avó virou e falou assim “filha vamos ver novela comigo?” e eu fiquei nervosa, falei: “Vó, eu não posso fazer isso, eu tenho que me concentrar aqui”, eu fiquei bem triste porque a minha avó tem 85 anos e daí eu não pude assistir novela com ela. É uma coisa pequena e eu fiquei nervosa, eu não pude fazer a vontade da minha avó. (Lívia - Mecânica) (LOPES, 2016, p. 82).

As desigualdades e discriminações de gênero, segundo Abramo e Valenzuela (2016, p.113) são reproduzidas pelas formas construídas socialmente de divisão entre o trabalho produtivo e reprodutivo. A entrada da mulher no mercado de trabalho foi uma grande conquista, no entanto, o tempo disponível para cuidado com a família ficou mais comprometido. “O envelhecimento da população e o aumento dos domicílios nos quais as mulheres são a pessoa de referência colocam novas pressões sobre as necessidades do cuidado.” Tais afirmativas corroboram com as perspectivas de Hirata (2003):

[...] incompetência técnica construída desde a infância na socialização familiar, diferenciando papéis masculinos e femininos, no exercício cotidiano que se dá a técnica para o menino, como por exemplo, consertar o carro, consertar pequenas máquinas, quando o pai vai chamar o menino para fazer estas coisas e o aprendizado da relação de serviço para as meninas: cuidar da boneca, cuidar do irmão menor, ajudar a por a mesa. As funções e cargos atribuídos às mulheres são sempre caracterizados por esta relação de serviço (HIRATA, 2003, p. 148).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se a partir dos resultados das referidas pesquisas, que o meio acadêmico é um lugar de tensões entre pares e que há uma presença da divisão sexual do trabalho onde permeiam o sexismo por parte tanto dos colegas quanto dos professores do sexo masculino, tornando as jovens alunas do sexo feminino vulneráveis as formas de preconceito e discriminação de gênero. A disputa de poder por parte do sexo hegemônico é reforçada pelo número superior de estudantes do sexo masculino nas áreas da Ciência e Tecnologia, especificamente nas Engenharias e por violências simbólicas caracterizadas por “brincadeiras”, piadas e falácias depreciativas do sexo feminino.

A desvalorização do trabalho e da competência da mulher para realizar determinados cursos ou tarefas, conforme narrativas das alunas, ocorre de forma reiterada tanto nos cursos da Educação Profissional quanto na Ciência e Tecnologia. Evidencia-se, portanto, que a academia e o senso comum tendem a naturalizar e a depreciar determinadas características ou qualidades femininas como algo inerente ou inato à mulher. Assim, os atores masculinos determinam papéis tanto para homens quanto para mulheres de acordo com suas características físicas ou subjetivas como se fosse um diferenciador biológico.

Evidencia-se também, uma presença arraigada da divisão sexual do trabalho nas relações familiares, haja vista várias jovens discentes relatarem não considerar a opinião destes nas escolhas dos cursos, mas para maioria refletiu certa influência mesmo por ter alguém que trabalha na área. Várias narrativas enfatizaram a existência de uma dupla jornada tendo que conciliar estudos e afazeres domésticos, pressionados tantos pelos familiares quanto pelas condições de classe a que estão submetidas.

Embora os relatos evidenciem uma auto violência das jovens discentes vulneráveis para se manter e resistir as formas de segregação nos cursos, infere-se também, que as formas de transgressão e de superação ao que se está posto socialmente é uma maneira de combate e desvelamento das práticas reiteradas de preconceito de gênero e de luta pela cidadania no meio acadêmico e para além dos muros, na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Lais; VALENZUELA, Maria Elena. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina. Uma repartição desigual. *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva;

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br



HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 113–123.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 46–81. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001954/mod_resource/content/0/Renato%20Ortiz%20%28org.%29.-A%20sociologia%20de%20Pierre%20Bourdieu.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983b. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39, p. 122-155. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001954/mod_resource/content/0/Renato%20Ortiz%20%28org.%29.-A%20sociologia%20de%20Pierre%20Bourdieu.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. Violência simbólica de gênero em duas universidades brasileiras. In: WANZINACK, Clóvis. SIGNORELLI, Marcos Claudio (org.). **Violência, gênero e diversidade: desafios para a educação e o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015. p. 79–108. Disponível em: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/10/livro_violencia_genero_e_diversidade.pdf. Acesso em: 19 ago. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 02 abr. 2018.

GONÇALVES, Bruna de Oliveira. **Violência simbólica de gênero na engenharia: estudo de caso no CEFET-MG**. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://sig.cefetmg.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=302. Acesso em: 24 jul. 2019.

HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. **Educação & Tecnologia**, Curitiba, n.6, p.144-156, 2003. Disponível em:



<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1081/684>. Acesso em: 22 jun. 2019.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati (org.). **Juventudes, desigualdades e diversidades**: estudos e pesquisas. Livro eletrônico. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em:
http://www.uel.br/pos/ppgsoc/portal/pages/arquivos/juventude%20e%20desigualdade_digital.pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf. Acesso em: 29 set. 2018.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira. **Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica**: as escolhas das alunas dos cursos técnicos do CEFET-MG. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2016. Disponível em:
https://sig.cefetmg.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=302. Acesso em: 24 jul. 2019.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009, p. 116–149. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275208/mod_resource/content/1/PISCITELLI%20Adriana.%20G%C3%AAnero%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20um%20conceito..PDF. Acesso em: 31 jul. 2019.

RESENDE, Kelly de Souza. **Transgressão na divisão sexual do trabalho com mulheres em profissões tradicionalmente masculinas**: estudo de caso com frentistas de postos de combustíveis. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

REZENDE, Daniela Teixeira. **Mulheres na TI**: visões de alunas do curso de engenharia de computação sobre a área. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em:
https://sig.cefetmg.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=302. Acesso em: 24 jul. 2019.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.



TORTATO, Cintia. Preconceito na escola: negação, descoberta, repetição. *In:* WANZINACK, Clóvis. SIGNORELLI, Marcos Claudio (org.). **Violência, gênero e diversidade**: desafios para a educação e o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015. p. 59–78. Disponível em: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/10/livro_violenca_genero_e_diversidade.pdf. Acesso em: 19 ago. 2019.